

Uma aventura fascinante

Tenerife hoje



Com o coração apertado, o jovem estudante caminhava cabisbaixo às margens do rio Mondego. A prisão dos professores George Buchanan, Diogo de Teive e João da Costa, a quem tanto admirava, o havia chocado profundamente. Tinham sido acusados de propagar idéias de Calvino.

O fato lembrava-lhe a impressão que tivera, três anos antes, quando o fundador e diretor do Colégio das Artes morreu, recusando a confissão porque, dizia, é algo que «só a Deus se faz». Aquele fora um dos primeiros impactos que tivera em contato com as idéias e atitudes correntes na Universidade de Coimbra.

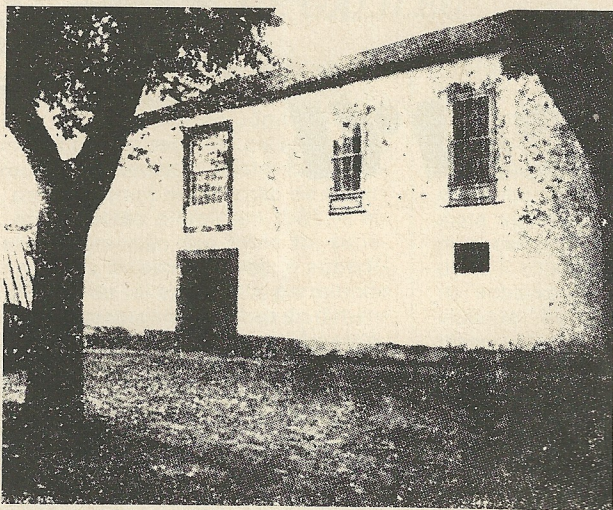
Mas agora a mentalidade difundida na época do Renascimento parecia ter-lhe penetrado a alma, através daqueles três anos de lições e leituras, abafando-lhe os sentimentos mais puros que trazia de sua infância...

Quem sabe por costume, ou talvez por uma vaga esperança de encontrar consolo no silêncio, entrou na catedral e foi se ajoelhar diante da imagem da Virgem. Em sua mente se refez a bela imagem de Maria "La Antigua" que, quando criança, tanto gostava de contemplar na matriz de San Cristóbal de La Laguna, na longínqua ilha de Tenerife.

Uma profunda alegria e serenidade invadiu-lhe o ânimo, como jamais acontecera antes. Todos os fatos de sua vida desfilaram diante de si como que ligados por um fio de ouro. Tudo parecia conduzi-lo a uma opção radical: dedicar-se completamente ao serviço de Deus. Naquele mesmo momento, fez o voto perpétuo de castidade.

Era novembro de 1550 e José de Anchieta contava com 16 anos.

Uma aventura fascinante



A casa onde nasceu Anchieta, em São Cristóvão da Laguna, na ilha de Tenerife, nas Canárias.

As notícias de aventuras vividas pelos conquistadores nas terras do Extremo Oriente e do Novo Mundo fascinavam os jovens da época. E, tal como seus companheiros, o “canarinho” – este era o apelido do jovem Anchieta, porque era um excelente cantor e poeta e porque oriundo das Ilhas Canárias – sonhava também desbravar terras selvagens e desconhecidas.

Entre seus colegas de escola havia alguns jesuítas. Eram estes que lhe passavam as cartas de Francisco Xavier e Manoel da Nóbrega, recém-chegados da Índia e do Brasil. José as lia com olhos deslumbrados e revivia com ardor juvenil a aventura daqueles heróis. Começou então, a se identificar com estes missionários, que deixavam sua pátria para se colocar a serviço dos silvícolas do além-mar e para comunicar-lhes Deus. Eles pareciam mais fortes e valorosos do que os conquistadores que partiam em busca de ouro e riquezas.

Um dia, José de Anchieta foi ter com padre Simão Rodrigues. Confiou-lhe seus sentimentos e contou-lhe o que sentira na catedral, naquele dia. O bom padre, superior em Portugal da nova Ordem fundada por Inácio de Loyola, aconselhou-o a se tornar jesuíta. Em 1.º de maio de 1551, José ingressou no noviciado.

Venha cá, José – chamou Padre Simão, ao vê-lo caminhar arquejando pela enfermaria do Noviciado – como está você?
– Não estou me sentindo bem – respondeu o Irmão José.

– Mas não fique acabrunhado por causa da doença. É isto que Deus quer de você agora.

Anchieta acolheu o conselho do superior, e procurou acreditar no que dizia, embora tudo lhe parecesse um absurdo.

De fato, ele tinha abandonado tudo para ser missionário. Mas agora teve que interromper seus estudos de filosofia, porque uma estranha doença o atacara, provocando-lhes fortes dores no lado e curvando-lhe

as costas. Passava o tempo nas enfermarias, sem que os médicos soubessem como curá-lo.

Na sua mente girava a terrível idéia de que seria despedido da Companhia de Jesus, por motivo de saúde. Com isso, seus sonhos missionários pareciam naufragar antes mesmo de iniciar qualquer viagem.

Porém, entre as notícias que traziam as cartas de Manoel da Nóbrega, houve uma que se tornaria sua tábua de salvação. Dizia que o clima brasileiro era saudável e muito benéfico para os doentes.

Os padres e Irmãos doentes, que se achavam sem uma função específica na metrópole, descobriram, então, uma solução para seus casos. Começaram a insistir junto aos superiores para obter a licença de viajar ao Brasil. Este seria o modo de reconquistar a própria saúde e, depois, poder trabalhar naquela terra que diziam tão saudável. Além do mais, o Padre Nóbrega ficaria muito satisfeito com os reforços, de que tanto precisava e que tanto pedia em suas cartas.



8 de maio de 1553. As pequenas e frágeis naus, que estavam içando as velas e soltando as amarras, pareciam os mais perfeitos aparelhos já fabricados pelo engenho humano, capazes de levar quem quisesse até as terras do Novo Mundo. Anchieta, com seus dezenove anos, não conseguia sentir a dor da partida sem retorno. Suas lágrimas exprimiam principalmente a emoção incontida de estar iniciando a mais fascinante aventura sonhada por todos os rapazes de sua idade.

Ele era o mais jovem dos sete religiosos que acompanhavam a expedição de D. Duarte da Costa, recém-nomeado Governador-geral do Brasil. Antônio Blázquez, João Gonçalves, Gregório Serão, tal como José de Anchieta eram apenas Irmãos. Com eles iam também os padres Brás Lourenço, Ambrósio Pires e o Padre Luís da Grã, o respon-

sável pela comitiva de missionários. Todos eram doentes, mas estavam conscientes de que partiam não para uma simples viagem de repouso, e sim para uma missão cujo retorno não estava previsto.

A travessia do Atlântico não foi serena. Ora as caravelas encontravam-se imóveis, durante longas calmarias, ora se viam violentamente sacudidas por tempestades.

Todos enjoaram. Anchieta, ao contrário, nascido em ilha e acostumado aos ares do mar, sentiu-se melhor e se pôs a cozinhar, a cuidar da limpeza, medicar os doentes. Sua alegria era transbordante: toda essa atividade parecia-lhe restituir a saúde.

Ao pisar terra firme, as agruras dos dois meses de viagem já estavam esquecidas. Todo o interesse se voltava para aquela aldeia crescida, rodeada por um alto muro e com suas três ou quatro ruas mal alinhadas, em que circulavam os moradores e seus contínuos visitantes, os índios dos arredores. Aquele esboço de cidade ostentava o nome de São Salvador e se orgulhava de ser a capital da colônia portuguesa.

Padre Salvador Rodrigues, com mais dois Irmãos, esperava ansiosamente os novos missionários. Estava muito doente, mas sentia-se proibido de morrer, enquanto não chegasse o novo pessoal. E, ao chegar, Padre Luis da Grã, chefe da nova comitiva, retirou-lhe a "proibição". Um mês depois o velho missionário veio a falecer.

Anchieta não perdia ocasião para visitar as várias pequenas comunidades dos indígenas, fundadas pelos missionários nos arredores da Bahia de Todos os Santos. Queria aprender logo o Tupi-Guarani, a "língua-geral" falada pelos índios de todo o litoral brasileiro. E não media esforços para acostumar seus ouvidos às palavras mal articuladas pelos indígenas.

Em meados de agosto, chega do Sul o Padre Leonardo Nunes, com ordens do Padre Nóbrega, o Superior dos Jesuítas no Brasil, para levar quase todos os recém-chegados para São Vicente. Ficaria em Salvador apenas Padre Luís da Grã com os dois Irmãos antigos.

A viagem da Bahia a São Vicente marcou o ânimo juvenil de Anchieta. Ele mesmo a descreveu com a riqueza de pormenores com que se narram aventuras fantásticas.

Haviam embarcado em dois navios. O Padre Nunes ia com o ouvidor-geral Pero Borges, diversos passageiros e alguns órfãos. No outro navio estavam os dois padres e quatro Irmãos com outros passageiros.

As duas pequenas embarcações eram tão frágeis que não podiam enfrentar o mar aberto. Tiveram que seguir as costas, longas e sinuosas.

Fizeram quarenta milhas por mar tranqüilo e vento favorável, parando um mês em Ilhéus e oito dias em Porto Seguro. Padre Ambrósio Pires e Irmão Blásquez ficaram aí, para ajudar Padre João de Aspilcueta Navarro. Os outros retomaram viagem para o Sul.

À altura do Rio Caravelas, o segundo navio encalhou em bancos de areia. Passaram um dia consertando uma quilha avariada. No dia seguinte, os marinheiros estavam tranqüilos, julgando-se já livres de perigo.

Inesperadamente, porém, o navio começou a ser

sacudido por violentas vagas. O leme saltou fora do eixo. A tempestade que se formou atirava o barco para perigosos estreitos. O navio ia arrastado, sulcando areias, aos solavancos. Temiam todos que ele se fizesse em pedaços.

Felizmente, a tempestade foi se acalmando e puderam ancorar.

Ao cair da noite, uma nova chuva torrencial. A embarcação tormentada ia se enchendo de água. Ninguém conseguia ficar de pé. Todos estavam cheios de terror. Viam a morte diante dos olhos.

«Entretanto – diz o próprio Anchieta – não nos servindo de velas, nem de auxílio algum, éramos levados sãos e salvos pelo meio dos recifes, para onde a corrente nos arrebatava, e, receando a cada momento o choque da embarcação, expostos à chuva, perseguidos por terrível tempestade, passamos a noite sem dormir.

Ao amanhecer, recobrando algum alento, consertamos assim mesmo as velas e, procurando a terra, desejávamos, ao menos, dirigir o navio para a praia; mas, levados por uma corrente mais favorável do que esperávamos, chegamos a um porto bastante seguro, habitado por índios, onde nos acolheram benignamente, e nos trataram com humanidade».

O barco estava quase completamente inutilizado. Aproveitando os destroços, de um outro navio, encontrados na praia, puderam começar os reparos.

Enquanto os marujos trabalhavam nos consertos da embarcação, Anchieta saía, com os outros jesuítas, a visitar as aldeias dos índios. Em certa palhoça, apresentaram-lhe uma menina muito doente. Anchieta tomou-a nos braços e percebeu que nada mais seria possível fazer para livrá-la da morte. Então pediu aos pais licença para batizar a indiazinha agonizante.

Cecília – este foi o nome que Anchieta lhe deu, pois era dia 22 de novembro – poucas horas depois expirou, como cristã. A respeito deste batizado, Anchieta escreveria depois: «feliz naufrágio que conseguiu tal resultado».

Consertado o navio, retomaram viagem e chegaram à Vila de Vitória. Padre Nunes os esperava com visível ansiedade: já estava começando a acreditar que todos os que vinham no segundo navio tivessem morrido no naufrágio.

Embarcando novamente, chegaram todos a São Vicente nas vésperas do Natal.

Ojovem Anchieta tinha chegado ao lugar onde consumiria toda sua vida. A longa viagem de Portugal até ali já lhe proporcionara um primeiro contato com colonizadores portugueses, sedentos de aventuras e riquezas. Já conhecera a singela bondade dos índios, que o acolheram na Bahia e nos vários portos em que atracaram. Já sentira a exuberância das florestas, do céu azul, das praias do Nordeste e do Sul e percebera que as distâncias entre estes lugares significavam longas e penosas viagens.

Este novo continente, imenso e maravilhoso, mas sobretudo este novo povo, em que a simplicidade dos índios contrastava com a rudeza de seus colonizadores, seria a multiforme nação de Anchieta: «os meus Brasis», como ele mesmo definiria.

(1-continua)